



GILMAN, Charlotte Perkins. **O papel de parede amarelo**. 3. Ed. Trad. Diogo Henriques.
Rio de Janeiro: José Olympio, 2017. 112 p.

Resenhado por: Dileane Fagundes de Oliveira (UFSM)

Este clássico da literatura feminista foi publicado originalmente em 1892, mas continua atual nas questões que levanta. Esta edição de *O papel de parede amarelo* que chega às livrarias pela José Olympio traz um belo prefácio assinado pela filósofa Marcia Tiburi. Escrito pela norte-americana Charlotte Perkins Gilman, *O papel de parede amarelo* narra, em primeira pessoa, de uma forma extremamente irônica, a história de uma mulher forçada ao confinamento por seu marido (um médico) que pretende tratá-la de uma depressão nervosa passageira. A mulher é levada a uma estranha casa ancestral, uma espécie de antiga escola, rodeada de janelas e grades. Restrita a apenas um cômodo da casa, justamente o que era forrado por um papel de parede já bastante gasto, a protagonista é proibida de fazer qualquer esforço físico e mental. Esse ambiente interno contrasta com o belo jardim, repleto de trilhas e acessível ao esposo. A única atividade que ela faz, escondida do marido e da cunhada, é escrever um diário, e é por meio desses escritos que tomamos conhecimento da subjetividade da protagonista. Nesse ambiente prisional, a protagonista começa a observar com afinco o padrão do papel de parede amarelo, a ponto de que desvendar o padrão implícito no papel de parede torna-se o objetivo principal de sua vida. Outro aspecto relevante para a compreensão da narrativa é considerar que a escrita do diário pela personagem é preponderante na narrativa.

A leitura do conto traz alguns traços autobiográficos da autora, que se contrapõem à lógica masculina e aos modelos de subjetividade e existência. O ato de a personagem lançar-se à escrita como uma forma de libertação diz muito a respeito da vida de Charlotte Perkins Gilman. A escritora participou ativamente da luta pelos direitos das mulheres em sua época, e é a autora do clássico tratado “Women and Economics”, texto de grande relevância para o movimento feminista. Charlotte lutou por independência econômica, e trouxe outras mulheres para junto dela nessa luta. Lançou outras importantíssimas obras nesses contextos.



A autora teve dois casamentos, o último com um primo. Ao descobrir um câncer de mama (inoperável na época), tomou-se pela depressão novamente e suicidou-se.

Na narrativa, feita em primeira pessoa, a protagonista é levada pelo marido médico para uma casa, longe do convívio social, com a intenção de que ela melhore de alguma doença que este julga não ser grave. Ela então é forçada a afastar-se do filho e manter-se reclusa em um quarto, que desde o primeiro contato já lhe causa repulsa. Como o esposo nega-se a trocar de quarto, ela passa então a ler e desvendar os segredos dos padrões encontrados no papel de parede. O padrão do papel de parede amarelo é uma metáfora para o padrão patriarcal que cerceava a liberdade das mulheres; a protagonista tenta decifrá-lo em busca de uma saída.

A mulher, no início da narrativa, parece-nos uma mulher frágil, submissa, mas no decorrer da narrativa percebemos que ela tem consciência de sua situação e que cria estratégias de sobrevivência e resistência. Ela expõe a questão do adoecimento das mulheres causada pelas práticas e discursos sociais que cerceiam a liberdade feminina, pois quando estas tentam subverter essa situação são tidas como loucas e/ou histéricas. No conto, temos o posicionamento do marido e do irmão, que são médicos; portanto, o discurso médico aliado à aceitação da família em vê-la como doente, incapaz até mesmo de cuidar do filho, mostra o efeito do construto social que permeia a vida da personagem. No trecho a seguir temos uma espécie de conversa da protagonista com o leitor, onde ela faz a seguinte confissão: “John é médico, e talvez – (eu não o diria a viva alma, é claro, mas segredar apenas ao papel já é um grande alívio para minha mente) –, talvez seja por isso por que não me recupero mais rápido” (GILMAN, 2017, p. 12) e assim segue questionando a visão e os métodos usados pelo médico/marido com relação à doença diagnosticada e o respectivo “tratamento”.

Somos levados pela personagem a adentrarmos nesse universo pelo seu olhar irônico, mas que primeiramente aparece nos escritos íntimos. Assim ela o descreve: “John é muito atencioso e amável, não permite que eu dê um passo sem instruções especiais” (GILMAN, 2017, p. 15). Essa passagem é muito sintomática, pois no decorrer da narrativa, já que ela não pode sair para caminhar pelas trilhas do jardim, metaforicamente ela e a mulher do padrão “rastejarão”.



A protagonista não se deixa dominar pelo marido, e um dos passos que ela dá é a escrita do diário que, na concepção do esposo, lhe faria muito mal. A irmã de John comunga da ideia de que a escrita deixa a cunhada doente, então a vigia diariamente para que se mantenha longe da atividade. Para o marido, até dar vazão à imaginação é prejudicial à personagem. Assim ela diz:

Fico sempre imaginando pessoas a caminhar por todos os caramanchões e alamedas, mas John me advertiu a não me entregar a tais devaneios. Ele disse que, com o poder da imaginação que tenho e meu hábito de inventar histórias, uma debilidade dos nervos como a minha só pode resultar em fantasias exaltadas, e que devo usar minha força de vontade e meu bom senso para controlar essa propensão (GILMAN, 2017, p. 22).

Essa passagem representa a história de muitas mulheres escritoras que foram tolhidas da capacidade de criar. Como afirma Schmidt no texto *Descentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista* (2017), leis e costumes, a socialização e o fardo da inferioridade foram responsáveis pelos longos intervalos entre o silêncio e a criatividade, cujo exercício era praticado no segredo do quarto e no anonimato da domesticidade. Essa perspectiva pode ser lida no livro *Um teto todo seu* de Virgínia Woolf. Dessa forma, Schmidt afirma:

A atividade criativa da mulher era tida como resultado de seu deslocamento em relação às expectativas culturais de gênero, como por exemplo a sublimação do instinto e função maternal. O próprio ato de escrever, partindo de uma mulher, era considerado como um sinal de uma mente perturbada, um capricho que deveria ser convenientemente erradicado (SHMIDT, 2017, p.59).

Desse modo, escrever as subjetividades femininas é um ato de rebeldia e de não conformidade com os padrões de feminilidade vigentes por muito tempo. Escrever é uma forma de questionar costumes e subverter a lógica de uma existência às margens da ideologia masculina dominante. Escrever é se fazer ouvir, é assumir o lugar de fala, no conto, a escrita também tem a função de reorganizar o caos mental que vive a mulher. A escrita muitas vezes é desejada pela protagonista e muitas vezes nem para escrever ela arranja forças, porém se no início da narrativa temos a impressão que ela lança mão do diário para que possamos ouvi-la no decorrer da narrativa percebemos sua voz sem uso desse artifício.

Outra estratégia adotada é analisar cada detalhe do papel de parede amarelo. A protagonista diz que no papel há coisas que só ela vê, mas que são muito repetidas; a princípio, vê uma mulher em segundo plano rastejando, e não gosta do que vê. Percebe que a



figura do padrão parece sacudir o padrão em uma tentativa de sair dele. Ao mesmo tempo em que o papel a incomoda, ele também é sua única forma de resistir ao confinamento. A leitura que a personagem faz do papel de parede amarelo é de outra ordem: o simbólico se imiscui com o real, ao mesmo tempo em que o corpo da personagem se desloca para o simbólico, o corpo da mulher do padrão vaza para o real. O papel de parede dá sentido à sua existência, e por meio dele ela procura padrões no papel e passa a desejar a liberdade das outras mulheres, tanto quanto deseja a sua.

A luta para afastar-se do padrão é árdua e apresenta diferentes nuances, dependendo do olhar que lhe é lançado. Enquanto não está sob a vigilância do marido, ela se dedica a decifrar o padrão. Em algumas ocasiões, ela percebe que o marido e a cunhada também olham o padrão, mas apenas ela deseja decifrá-lo. Ao contrário do início da narrativa, ela tem uma considerável melhora, influenciada pela busca de sentido não só do papel, mas da sua vida e de uma coletividade. Depois de muitas noites, ela percebe que em algumas vezes são muitas mulheres e em outras é apenas uma que rasteja e balança o padrão. Na narrativa, há um entrelaçamento entre a mulher que rasteja pela noite e ela, que rasteja de dia: então, quando ela diz que deseja libertar aquela mulher, é o seu desejo de libertar-se que se manifesta. As duas arrancam metros do papel, “porém ele está terrivelmente grudado, e o padrão adora isso” (GILMAN, 2017, p. 66). Quando o marido entra no quarto, ela diz apesar de você e de Jane, eu arranquei a maior parte do papel, então não vai me colocar de volta. O caminho da libertação é árduo, mas a narradora conseguiu descolar-se do padrão.

A leitura do livro é uma experiência sem igual; passamos a narrativa toda nessa angústia de decifrar o maldito papel de parede amarelo, ao mesmo tempo que a narrativa nos proporciona diversos vieses de interpretação. Um dos caminhos é compreender a identidade da mulher que é adoecida pelo esposo/médico que se vê presa a um sistema e a um quarto; a única possibilidade de liberdade se dá por meio da escrita do diário e de uma construção imaginária e metafórica, mas que, de certa forma, desestabiliza a autoridade do marido, o único capaz de projetar o futuro do casal. A construção da personagem, marcada pela falsa “aceitação” da dominação masculina, funciona como um artifício literário que dá visibilidade a essa construção social, para evidenciar os efeitos da dominação masculina sobre a identidade da mulher. Acreditamos, assim como Schmidt, que a literatura exerce profunda



Linguagens & Cidadania

influência sobre a maneira como os indivíduos interpretam e mitologizam suas realidades, e as maneiras como dispõem suas experiências configuram um espaço de questionamento. Dessa forma, ficamos com a pergunta: “e a mulher presa na casa de campo, no quarto com o papel de parede amarelo? O que fará com tantas mulheres que vê presas no papel?”.

REFERÊNCIAS

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Descentramento/convergência**: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

WOOLF, Virginia. **Um quarto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, s.d.